À minha querida esposa

Aos meus pais

Aos meus filhos

Ás minhas irmãs

Ás minhas Noras Nanda e Marina

Ao meu Genro

Aos meus netos

Sou natural do Bocoio, nascido no ano de 1949, uma cidade sede do Concelho do mesmo nome, da Província de Benguela. E sou Quissanjista, porque assim são designados os seus naturais. Monte Belo, era e é, uma das freguesias do concelho do Bocoio, Província (antigo Distrito) de Benguela.

Vivi grande parte da minha vida, numa fazenda de sisal chamada Entre Rios, sita no Monte Belo, onde o meu pai, era sócio gerente.

Fazenda Entre Rios, que foi a minha primeira grande escola para a vida, onde cresci aprendendo muita coisa, que me tornou polivalente, em várias vertentes da vida porque eu queria ter parte ativa em todas as situações, passando por conhecimentos de mecânica, agricultura, tudo relacionado com a cultura de sisal, tabaco, algodão, entre outras culturas e todas as atividades inerentes à agro/pecuária. Nesta fazenda, ainda eu era criança, além de se ter produzido enchidos, banha, entre outros, no tempo da guerra, produziu-se também manteiga, havendo maquinaria para o efeito, ainda instalada numa sala própria para o efeito.

Fiz a minha instrução primária no Monte Belo, até à terceira classe, onde havia homens de barba na cara e moças, já mulheres feitas, com uma maravilhosa professora chamada Alzira Vilhena, que em determinada altura, foi transferida para outro sítio.

Quando passei para a 4ª classe, tendo então ficado com outra professora, que não era tão boa como aquela. Tendo o meu pai verificado ao longo do primeiro período da quarta classe, que eu

estava a retroceder nos estudos, pediu a minha transferência para o Bocoio, onde estava uma professora de naturalidade Indiana, terrível a aplicar castigos aos alunos, que passava por se ficar de joelhos num canto da sala, sobre sementes de milho ou areia grossa, com pesos nas mãos e, quando se fraquejava lá vinham as chibatadas nas pernas e nos braços.

Fiquei assim para o efeito, hospedado na casa de um primo meu, que era muito meu amigo e que tinha o hotel do Bocoio.

Acabado o primeiro ciclo liceal, o meu pai matriculou-me na Escola de Regentes Agrícolas do Tchivinguiro, Dr. Francisco Machado, no 1.º ano, onde fiz o meu curso de Regente Agrícola, (hoje Engenheiro Técnico de Ciências Agrárias). Esta escola situava-se, no distrito do Lubango Província da Huíla, onde entrei no ano de 1961/1962 (ano lectivo), com 12 anos, para o primeiro ano, que era a única forma de se entrar para a mesma, na altura. Situação esta, que se veio a alterar no segundo ano seguinte à minha entrada, com o início da admissão de alunos com o quinto ano dos liceus, que entravam para o terceiro ano/DT. da mesma.

Acontece que como eu tinha deficiência a Francês e não se podia entrar com deficiência a esta disciplina, o meu pai, indicado pelo seu amigo Engº Azancot de Menezes, arranjou-me uma boa explicadora, e eu fiquei no Lubango hospedado no Grande Hotel da Huíla, a ter explicações de francês e ir fazer exame ao Tchivinguiro, para ser admitido, o que aconteceu.

Quando entrei para a Escola Agrícola distante da alçada dos meus pais, claro que as minhas primeiras tendências, foram continuar à vontade, e dedicar-me a aprender a tocar viola, começar a beber, e os estudos em segundo plano.

Claro que como consequência disso, apanhei logo no primeiro ano, o primeiro chumbo. (reprovei). Dessa vez, o meu pai não me fez nada. Mas quando reprovei a segunda vez, no primeiro ano do segundo ano, o meu pai como castigo, não me deixou ir passar as férias grandes a casa, tendo ficado na escola.

Na escola, era frequente os alunos que ficassem no internato durante as férias, por qualquer motivo, organizarem-se em grupo para ir passar uns dias numa das propriedades da escola, que se chama Bruco, passando pelo Chão da Chela, também propriedade da mesma.

Era normal, o director autorizar, que os alunos mais velhos, requisitassem armas e munições para levar. Facultavam esta situação, por se viver na altura, a fase do "terrorismo", como se dizia na altura. A escola providenciava na alimentação, enfim tudo o necessário para a nossa logística e aproveitávamos boleia nos burros da escola, que faziam aquele percurso, duas a três vezes por semana, porque transportavam para a escola, fruta e outros géneros produzidos no Bruco e Chão da Chela e de regresso, levavam víveres e outras coisas, para os trabalhadores destas unidades e outros produtos. E lá fui, integrado no grupo onde entre várias diversões que se organizaram, deu para ir à caça, tendo o chefe do grupo morto um Olongo, Ungir, ou Kudu, como queiram chamar, que nos proporcionou uns ricos bifes. Havia o mais velho Maneco, que era um sujeito muito castiço, já de boa idade, curtido e muito resistente, que gostávamos de o visitar, pelas suas longas histórias, que dizia que sabia onde o Hitler, estava escondido. Ele tinha ali um pequeno comércio, um pouco mais abaixo do Bruco, na Macuala, perto do forte de Capangombe, onde havia também outra propriedade da escola. Foi com esse senhor, que eu tive a oportunidade de ver pela primeira vez rinocerontes no mato.

Bom, e assim estive numa fase de fazer o 1º e 2.º ano, cada um em dois. Mas acertei a partir do 3.º ano, até ao 5.º ano. Mas este ano, foi um pouco conturbado, devido a uma situação ligada às praxes, em que o diretor da escola na altura "inconscientemente", quis dar-lhe um cariz político e acabei por apanhar a maior suspensão da escola agrícola, encabeçando uma vasta relação de colegas que contemplavam várias suspensões, muitas delas bem grandes também, umas parecidas com a minha, mas a minha foi a maior, pois implicava a proibição de me poder

hospedar no internato, ou em casa de professores e funcionários, o que fazia com que quase não pudesse concluir o curso.

Esta situação penalizou-me logo, pela perda do ano lectivo e consequente perda das dispensas que tinha da maioria das disciplinas. A situação das dispensas devia-se a, como eram bastantes as disciplinas das matérias do curso, procurávamos arranjar o maior número de dispensas por disciplina para que, quando chegássemos ao quinto ano, tivéssemos poucos exames para fazer, facilitando-nos assim a vida.

Perante esta situação, fui para a fazenda Entre Rios, para junto dos meus pais, onde o meu pai, logo me pôs ao corrente das tarefas que havia no momento, que era a fase da colheita e secagem da cultura do tabaco, tarefas estas e outras, que eu sempre fazia na altura das minhas férias, porque gostava e serviam para o engrandecimento dos meus conhecimentos nestas matérias, para o meu curso. Eis que, um dia em que eu ia com uma carrada de tabaco para as estufas, ao passar pelo meu pai, este faz-me sinal de paragem e disse-me para ir ao escritório falar com ele e assim fiz.

Chegado ali, mostrou-me um telegrama (meio de comunicação na altura, equivalente ao email), a solicitar a minha comparência na escola agrícola, a fim de tratar de assunto relacionado com a minha má conduta naquela. Eu tinha bom relacionamento com o meu pai e, contei-lhe tudo o que se passava, que era por causa de um namoro muito prolongado, com uma filha do senhor, que era funcionário da escola e que tinha tido como resultado, o engravidamento da mesma. Então o meu pai respondeu, invocando a situação em que me encontrava e que quando regressasse à escola, iria tentar resolver a situação. No ano escolar seguinte, dado a suspensão de não me permitir hospedar no internato, nem em casa de professores ou funcionários, o meu pai alugou uma casa na povoação do Caholo, que distava a cerca de seis quilómetros da escola. Mas era preciso arranjar-se quem percebesse de cozinha e tratar da casa, para ir comigo.

Eu tinha um afilhado que trabalhava em casa dos meus pais, o Januário, que era a pessoa mais indicada. Tendo ele concordado, fomos os dois para o Caholo, levou-se uma bicicleta, para o meu afilhado me ir levar a comida à escola e então fazíamos os nossos piqueniques, debaixo de uma boa sombra e depois ele regressava para casa. Para eu ir para as aulas e regressar a casa, como havia professores que moravam no Lubango e iam e vinham todos os dias dar aulas e havia sempre outras viaturas também, a passar para aquela, eu aproveitava as boleias todas. Nesta casa, era normal estar sempre cheia de gente, quer de professores, como de colegas.

Regressado à escola e depois de me instalar na minha nova casa no Cahôlo, devido á punição da escola agrícola, a minha primeira preocupação, foi procurar contactar com o pai da moça e posteriormente contactar com ela.

Quando cheguei à escola, toda a gente estava admirada e comentavam que o pai da moça me iria espancar, porque ele era grande e que ia fazer, acontecer e muitos me questionavam se iria mesmo ter com ele.

E assim o fiz, tendo o contacto com o pai da moça sido muito duro, mas com a minha calma e constante insistência de não ter vida própria e autonomia para constituir família, pois faltava-me cumprir o serviço militar, acabar o curso e arranjar emprego.

E foi assim que também, que posteriormente, consegui convencê-lo em baptizar o meu filho, ficando o resto para se resolver quando as soluções começassem a surgir.

Então, depois do nascimento do filho, realizou-se o baptizado, passado pouco tempo, tendo convidado o Senhor eng. Azancot de Menezes e esposa para padrinhos, tendo-lhe dado o nome de António Leonel de Jesus Ribas.

E continuei a visitar o meu filho, enquanto lá estive e mesmo depois de ir para o serviço militar. Mas, antes disto tudo, a mãe do bebé foi para a Humpata, para fazer aí o parto.

Entretanto as coisas foram correndo e quando entrou em trabalhos de parto, eu estava naquela terra, e acabei até por assistir ao nascimento do meu filho na companhia do avô da moça, que por sinal até nutria uma certa amizade por mim e que, de vez em quando, servia um copo de vinho para mim e outro para ele e entre a conversa, ia dizendo, -isto está demorado-, até que de um momento para o outro, ouve-se o choro de uma criança, vem a irmã mais velha dela cá fora e diz: é um menino! Não sei o que senti naquele momento, se foi alegria, ou pensar como seria dali para a frente.

O tempo foi correndo, até que chegou a data da minha incorporação militar, tendo-me apresentado a 8 de janeiro de 1970, para assentar praça na Escola de Aplicação Militar no Huambo, conforme ordem recebida, impossibilitando-me assim, de acabar o curso antes do serviço militar.

Depois de ingressar no serviço militar, aproveitava sempre todas as oportunidades que me surgissem para ir visitar o meu filho, deslocando-me para o efeito, numa lambreta que eu tinha, com a qual fiz bastantes viagens, quer para a escola, para ir ver o meu filho, quer para ir visitar os meus pais na fazenda Entre Rios, no Monte Belo, Canhara e dava boleia a amigos que me pedissem.

Lembro-me com alguma nostalgia, quando já estava a cumprir serviço militar, uma das vezes que fui visitar o meu filho e lhe levei um triciclo. Isso é que ele não conteve a sua alegria, dando azo a uma pequena briga de crianças, entre ele e um primo que eram quase da mesma idade, na disputa de quem seria o primeiro a subir para o triciclo.

No Tchivinguiro, fiz muitas amizades, não só a nível de colegas, como de professores e funcionários. Dos colegas, lembro-me bem, do Xavier, Melo Marques, Torrinha, Loução, Velhinho (já falecido), Vítor Moura (já falecido) estes todos jogadores da nossa equipa de futebol, Marçal, era o nosso político, Côco Vandunen Bastos, já falecido, que era gago e perguntava-me; Oh Juca! Aj, aj, aj, ajneira escreve-se com s ou com j? Adjuto Gomes, massagista da nossa equipa de futebol, etc., colegas de quarto, equipa de roubar fruta nos pomares da escola, (boa fruta que a escola produzia) fazer serenatas, namoros, enfim, uma quantidade de bardinagens. O Calabeto, era o colega a quem eu ia roubar a viola para treinar, embora ele ficasse muito zangado. Um dos desvios que fiz da viola dele, foi num dia em que tinha umas coisas combinadas com outros colegas.

E para retira-la, teve de ser puxada pela varanda da camarata, através de uma corda.

Mas, acontece que o dono, estava na camarata e, qual o seu espanto, ver a viola a passar à frente dele. Bócas, era outro castiço, que tinha a mania das cabeçadas. Uma vez deu uma cabeçada num armário de boa madeira, partiu a porta, e ficou com a pele da testa entalada na porta.

Não me vou alongar em descrições de colegas, pois tornaria isto bastante extenso, apenas dizer que me dava bem com todos.

Mas, destes colegas, com quem tive mais aventuras, foi o Xavier. Aventuras de namoros, que até conseguimos que nos emprestassem uma casa na Humpata, para passar os fins-de-semana, a maior parte das vezes, com namoradas.

A nossa amizade era e é tão grande que, entre outras coisas, até o convidei para ser o empresário do conjunto que tive, do qual falarei mais adiante. Éramos os únicos, que fazíamos levantamento de braço directo, com um rodado de carruagem de caminho-de-ferro, fazendo de alter, que diziam, pesar cerca de 45 a 50 quilos. No nosso quinto ano, tivemos o privilégio de escolhermos quarto. E escolhemos um quarto no rés-do-chão do edifício.

Esse quarto tinha acesso directo para a rua, sem nenhum controlo e então, dava para as nossas namoradas, entrarem para o quarto pela janela.

E levávamos sandes, para elas comerem. Nas nossas deslocações ao Caholo, a pé, cita na 6 kms da escola, que era uma pequena vila com algumas casas comerciais, onde nós alunos, íamos afogar os nossos "pretextos" nuns copos de catembe. (mistura de vinho com sevenup, cerveja e açucar, comer umas saladas de sardinha em lata ou atum, e por vezes apareciam algumas Muilas mais atrevidas, que nos convidavam para um "flirt" e eu, uma vez, aceito o convite duma, por sinal gira, com bons atributos e lá vamos nós para o mato. Iniciamos o serviço, mas pouco depois a menina começou a dizer-me; "formica menino, formica menino" e insistia nisto e eu, como percebia outra coisa e pensando que não estava a corresponder, parecia um cavalo a dar o litro e meio, até que ela salta, empurra-me e catando coisas pelo corpo, gitava: "tá a morter, tá a morter " (está a morder, está a morder). Então, sinto também as mordidelas em mim e aí, compreendi que estávamos por cima de um carreiro de bissonde ou kissonde, (formigas vermelhas africanas), bem perigosas, que chegam até ao ponto de matar pessoas e, nós estávamos a ser atacados por elas.

Dos funcionários, era o Hayce de Abreu, com quem fiz grande amizade, que estava sempre a convidar-me para ir com ele à caça aos sábados à noite e à pesca aos domingos de manhã, sendo muitas das vezes convidado para almoçar em sua casa, pois a sua esposa nos presenteava com uns guisados de carne de caça, com pirão de massango, (variedade de sorgo) entre outros pratos e á tarde, ficávamos a ouvir o relato de futebol metropolitano (Português) da altura, para conferir o "totoloto" e a virar uns copos de vinho tinto e a comer os peixes pescados de manhã, no rio. Amigos professores, lembro-me com alguma nostalgia e pena, do falecido Eng.º Felix da Costa, ribatejano castiço, com o seu boné e calças à alentejana, (que se suicidou duma forma muito trágica).

Tinha umas expressões castiças, que passavam por; ao entrarmos para a sala de aulas, virava-se para traz e dizia: O último que dê um coice na porta. Era para fechar a porta. Outra era: Oh Zécas, salta prá negra. Ir ao quadro. Era um fora de série, um camarada. Quando ia a casa dele, servia-me sempre para beber, aguardente da marca Irmãos Unidos, que era o que ele bebia. Com este amigo, fiz algumas viagens serra abaixo, para uma fazenda de café que ele tinha para estes lados, que ficava depois do Bruco, propriedade da escola.

Ainda matei uma vez lá na fazenda dele um Olongo, Ungir, ou Kudu, como quiserem chamar, que é um antílope de grande porte, com chifres retorcidos e que com a idade chegavam a ser bem grandes. Fiz outra viagem com ele para Mossâmedes, ele com uma Renault "quatrele" e eu com o Jeep Land Rover, todos dele, mas foi em Março, uma altura de chuva, em que o meu objectivo era levar a aparelhagem do conjunto "A Go Go", conjunto montado por mim, a que me referirei mais abaixo, para actuarmos nas festas daquela que eram conhecidas como " Mossâmedes Mar, Março e Mulatas". Fui eu no Jeep e ele e a família na Renault, mas aquela zona era de mulolas. (rios secos), que só tem água na época das chuvas e vem em enxurrada, capazes de arrastar, carros e outras coisas pelo seu caminho e quando as encontrávamos cheias, tinha que se aguardar que a mesma baixasse o caudal, para se poder passar.

Com estas esperas aglomeravam-se muitos carros, quer de um lado como do outro e, conforme a demora, havia pessoas que iam prevenidas e levavam comida e cozinhavam. Mas o nosso caso era diferente porque íamos desprevenidos e tivemos que voltar atrás, para a antiga Vila Arriaga, hoje Bibala, para tratar da logística. Os filhos do Engº, a princípio era uma alegria, mas passado algum tempo, começaram a ficar irrequietos e intoleráveis.

A viagem demorou mais de quarenta horas e na penúltima mulola, eu fui com uma vara ver o nível da água, que era assim que se fazia e se o caudal estivesse baixo, dava para se passar.

Como estava baixo e dava para passar, disse ao Eng.º, que ia passar com o Jeep e ele passaria a seguir. Eu passei bem, sem problemas, mas quando ele ia quase a atingir a margem, o carro dá um solavanco e uma vaga de água empurra o carro contra a parede da margem.

Procurei por um cabo, mas só havia um camião carregado com verguinha para a construção. Tiramos uma vara das mais finas e então vou com a verguinha e consigo mergulhar e engatar a mesma, na traseira da Renault. Mas quando venho a cima, uma vaga grande de água, arrastou-me rio abaixo e eu, lutando com as minhas forças, senti uma coisa nas pernas e encaixei-as, no que penso ter sido umas raízes de uma árvore, que com o meu peso, rápido se desprendeu e aí vou eu outra vez, até que oiço os gritos dos contratados que ali estavam em viagem para os seus novos empregos, a dizer; "tchindele uô uenda, tchindele uô uenda"… que traduzido quer dizer (o branco está a ir, o branco está a ir) e de repente, sinto uma forte mão a agarrar-me e retirar-me de dentro da mulola, Tinham formado entre si uma corrente, agarrando-se nas mãos uns dos outros e assim, me retiraram do rio. Quando saí, senti sangue a escorrer pela minha perna abaixo.

Foi quando estive agarrado á raiz, que me tinha cortado a barriga da perna. Agarrei num lenço e amarrei aquilo. Depois de conseguir tirar o carro do Eng.º da mulola, seguimos caminho e tivemos que esperar que na última mulola, do rio Giraúl que era a maior de todas baixasse o caudal.

Tendo terminado depois a viagem, fui ao hospital tratar da minha ferida que ainda levou uns pontos. O Engº foi para um hotel e eu armei a minha tenda perto dos meus colegas, que já lá se encontravam.

Armamos a nossa barraca para actuações, que se chamou Boite Caixote, e começamos a atuar, fazendo a nossa tournée por Moçâmedes. Do Eng.º Azancot de Menezes, que acabou por ser meu compadre, por terem sido, ele e a esposa, os padrinhos de baptizado do meu filho Toni. Na minha perspetiva, foi o melhor professor que passou pelo Tchivinguiro, quer como técnico, cientista, sabedor da matéria, como se costuma dizer. Outro, era o Dr. Manuel Fernandes (Melões de alcunha, pois tinha a cabeça redondinha que parecia um melão), que me pregou uma grande partida no teste final, para confirmar a dispensa da disciplina de mineralogia, que foi feita na sala anfiteatro da escola, tendo eu ficado na carteira do lado esquerdo, na primeira fila.

Ele levou para a sala uma máquina de escrever, para ir passando os stencils (modo de se reproduzirem os pontos, hoje chamados testes para os exames) e ia batendo as teclas da máquina.

Eu levei, apenas como preventivo uma cábula para a prova, porque sabia de mineralogia mas, como ele era muito exigente, quis certificar-me da resposta e ia orientando-me pelo bater das teclas. Enquanto ouvia o bater das teclas, ia certificando a resposta pela cábula.

Quando acabo de tirar as dúvidas, orientando-me pelo bater das teclas, olho para ele e vejo-o com um sorriso rasgado de orelha a orelha a bater numa tecla da máquina. Resultado: (Ribas, rua! Vens à segunda época, para saberes). Claro, fui á segunda época, mas como o livro de mineralogia era pequeno e eu com a gana com que estava, durante aquele tempo de férias, até á segunda época, decorei o livro todo até o número das páginas, vírgulas pontos e tudo.

E lá tirei um dezasseis que era uma nota belíssima no conceito dele e por castigo pelo que tinha feito no exame anterior. Em 1968, na escola agrícola, em conversa com um advogado, amante do rugby, que treinava a nossa equipa nesta modalidade, calhou a meio da conversa, como ele sabia que eu era amante de música e tocava viola, perguntou-me se estava interessado em montar um conjunto musical.

Disse-lhe que sim, mas para tal era necessário haver o principal que era o dinheiro para se adquirir, aparelhagem, instrumentos, etc. etc., ao que me propôs, que ele pagava tudo aquilo e que quando começássemos a ter rendimentos através dos contractos, para actuações, abrilhantamento de bailes, etc., iriamos fazer a amortização da dívida. Expliquei-lhe que demoraria algum tempo a ter retorno, porque era necessário preparar-se um reportório, para que se conseguisse ter êxito.

Acordando com tudo isto, fiz a relação do que era necessário em instrumentos, equipamento de som etc. ao que ele não levantou qualquer problema e assim fui com ele ao Lubango a uma casa de venda de instrumentos musicais e comprou-se tudo. E assim nasceu, o conjunto "A Go Go", cujo nome foi bastante contestado, pois queriam que se chamasse Os Charruas, contestando porque já havia em Portugal numa escola agrícola também, um conjunto com esse nome e acabou por ficar mesmo aquele nome.

O conjunto aguentou-se enquanto eu estive na escola agrícola, tendo-se desfeito algum pouco tempo depois de eu ter saído da mesma.